

ASSASSINA DE
ADUSES



AMOSTRA

ASSASSINA DE
ADOLESCENTES



HANNAH KANER

Tradução
Nathalia Marques



MORROBRANCO
EDITORA

Assassina de Deuses

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 HANNAH KANER

ISBN: 978-65-6099-044-9

Translated from original Godkiller. Copyright © 2023 by Hannah Kaner. ISBN 978-0-00-852146-2. This translation is published and sold by arrangement with Harper Voyager, and imprint of HarperCollins Publishers, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

K24a

1.ed. Kaner, Hannah

Assassina de deuses / Hannah Kaner ; tradução Nathalia Marques. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.

304 p. ; 13,5 x 21 cm.

ISBN 978-65-6099-044-9

1. Deuses. 2. Ficção de fantasia. 3. Mitologia. I. Marques, Nathalia. II. Título.

11-2024/52 CDD B869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura brasileira B869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illyabelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução: Nathalia Marques

Copidesque: Ellen Andrade

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Natalia Curupana


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

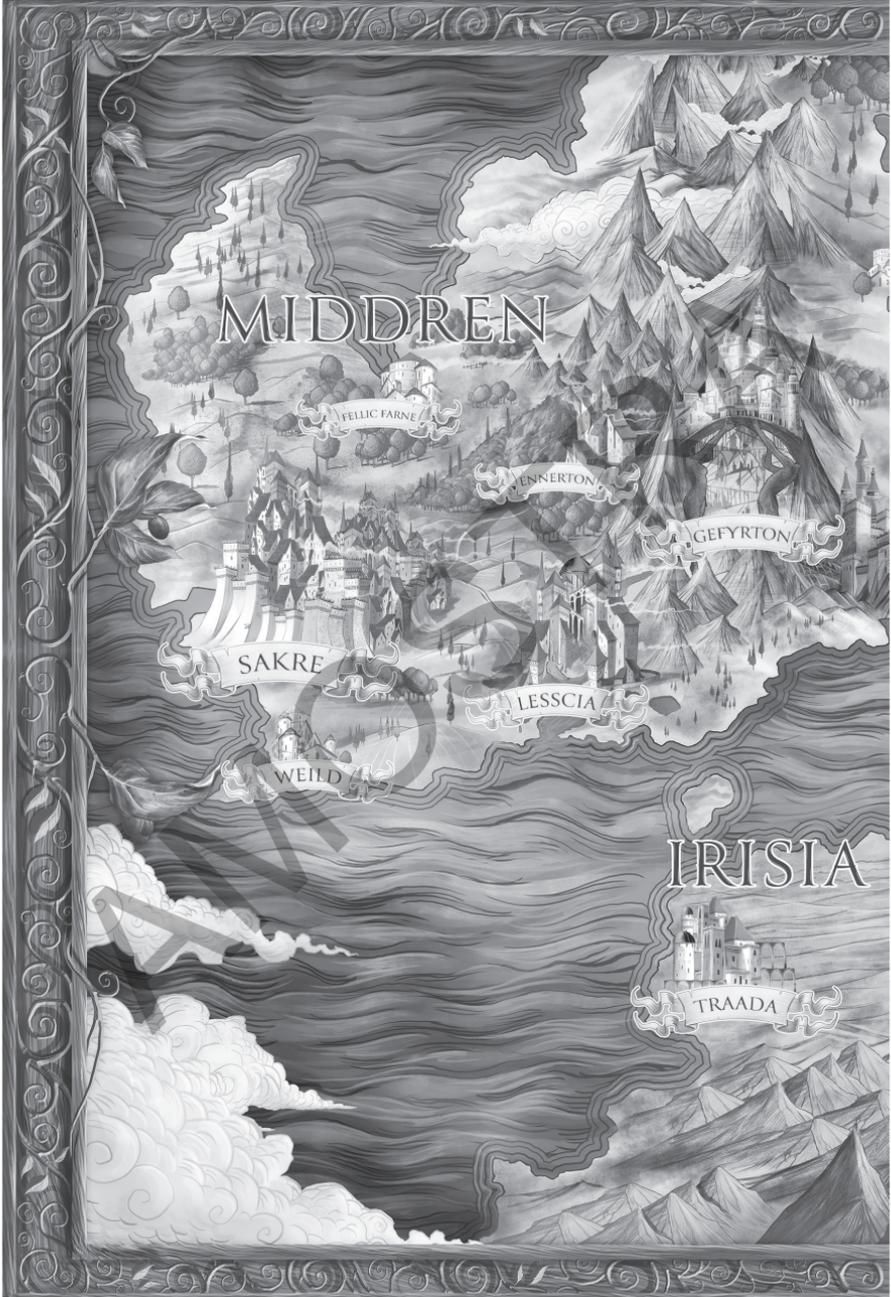


albr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES DE LIVROS



Para meu pai, que lê cada palavra

AMOSTRA



MIDDREN

FELIC FARNE

ENNERTON

GEFYRTON

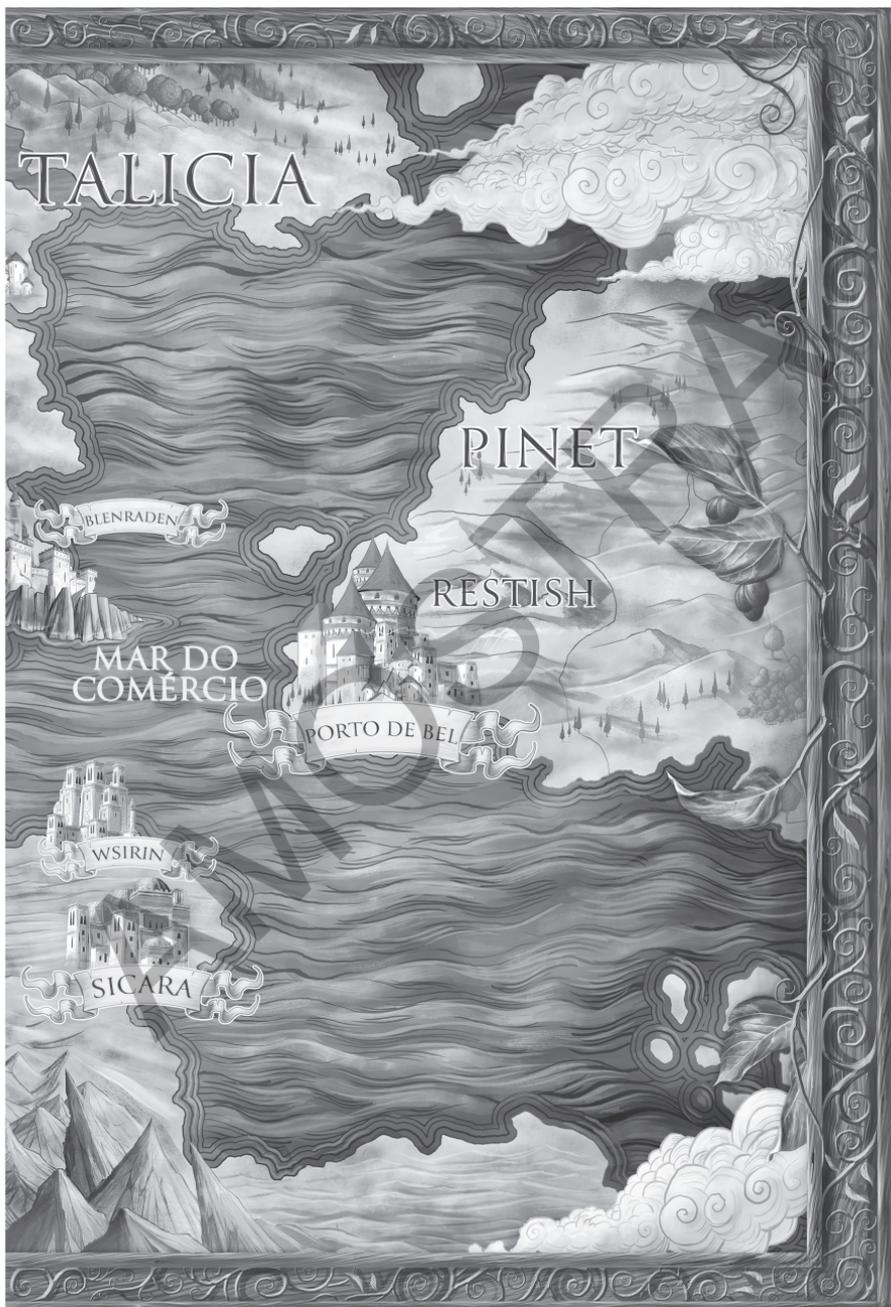
SAKRE

LESSCIA

WEILD

IRISIA

TRAADA



TALICIA

PINET

RESTISH

MAR DO
COMÉRCIO

BLENRADEN

PORTO DE BEL

WSIRIN

SICARA

AMOSTRA

PRÓLOGO

Vinte Anos Atrás

SEU PAI SE APAIXONOU POR UM DEUS DO MAR.

O deus se chamava Osidisen, e seus pais nomearam Kissen e seus irmãos em homenagem a ele: Tidean, “na maré”; Lunsen, “lua na água”; Mellsenro, “pedras ondulantes”. E, por fim, Kissen, “nascida do amor do mar”. Osidisen encheu suas redes de peixes, ensinou-lhes quando enfrentar uma tempestade e quando procurar abrigo, e trouxe-os sãos e salvos para casa com suas presas todos os dias. Kissen e sua família prosperaram sob a bênção do mar.

Mas o deus do mar não trouxe sorte às terras de Talicia. Em algum momento, os vilarejos no topo das colinas foram seduzidos por uma deusa do fogo, Hseth, e suas promessas de riquezas.

Todos cobiçavam as riquezas dos amantes do fogo. Em nome de Hseth, os talicianos queimaram seus barcos e derrubaram florestas para forjar armas, aquecer o bronze e fazer grandes sinos que badalavam dos penhascos do mar até o sopé da montanha. As águas de Osidisen secaram, e a fumaça pairou sobre a terra. Logo outras histórias, mais sombrias, de violência se espalharam de vilarejos a cidades: sacrifícios, caçadas e expurgos em nome da deusa do fogo. Inimigos e antigas famílias queimadas para o deleite da deusa do fogo.

Certa noite, logo após o 12º aniversário de Mellsenro, quando seus dedos ainda estavam manchados de tinta com seu nome, Kissen, então com 11 anos, foi acordada pela fumaça, estranhamente densa e adocicada. Arranhava sua garganta.

Quando deu por si, ela percebeu que estava sendo carregada por homens com panos amarrados sobre as bocas, os rostos cobertos de pó de carvão e sinos reluzindo em seus cabelos como pequenas lamparinas. Kissen não conseguia mover seus membros e sentia um peso sobre o peito, como se ainda houvesse sonhos sobre ele. Ela

reconheceu a fumaça adocicada: uma droga para dormir produzida a partir da queima de sementes de sless, misturada com outros aromas que ela não reconhecia. Sob sua casa, o mar açoitava os penhascos. Osidisen estava com raiva.

Ela tentou falar, mas não conseguia mover a boca. Sua língua estava grudada na bochecha. Sua cabeça tombou para o lado e ela viu Mell, a mão recém-pintada arrastando pelo chão.

— Mmmelll — Kissen tentou novamente, mas seu irmão não se mexeu. A fumaça da droga estava se infiltrando pelas venezianas, pelas paredes. Pairando no ar.

— Calada — disse um dos homens que a carregavam, sacudindo-a. Ela conhecia aquela voz, aqueles olhos verde-oliva.

— N-Naro? — perguntou Kissenna, sua voz um pouco mais firme agora.

As ondas quebravam lá fora, e a fumaça se agitava enquanto o vento do mar abria caminho através das fendas nas paredes de vime. Ela sentiu uma brisa fresca do ar salgado em seu rosto, em seus lábios. Sua mente clareou um pouco. Naro olhou para ela com pânico nos olhos.

— Disseram que eles ainda não teriam acordado — disse ele através da máscara.

— Rápido. — Ela também reconheceu a outra voz. Era Mit, cunhado de Naro. As máscaras os protegiam dos efeitos da droga. — Rápido!

Eles a estavam levando cada vez mais para o interior da casa, para a lareira no centro.

— O que estão fazendo? — perguntou Kissen, a voz rouca, mas clara. Seu corpo ainda não se movia.

Chegaram à lareira, uma pedra redonda sob o telhado de palha que se abria em direção ao céu para que a fumaça pudesse escapar. Por entre as brasas da fogueira da noite anterior, foi posicionada uma gaiola em formato de sino, feita de madeira e metal. Seus pais já estavam presos às bordas externas da gaiola. Seus irmãos estavam sendo amarrados: tornozelo, tornozelo, braços, pescoço. Sacrifícios. Kissen era a última.

Naro e Mit a jogaram contra as grades ao lado do pai. O vento do mar entrava violentamente pelo buraco para fumaça, sacudindo as vigas. As venezianas chacoalharam e a casa tremeu ao som das águas furiosas.

— Naro, pare com isso — disse Kissen, agora com mais ímpeto; a fumaça de sless já havia quase desaparecido do ar, embora ainda mantivesse seus membros inertes. — Por que estão fazendo isso?

Naro estava torcendo suas pernas para amarrá-las ao pé da gaiola enquanto Mit prendia suas mãos nas barras. Lunsen estava chorando,

soluçando de medo. Ela perdera Mell de vista. Kissen conseguiu encontrar forças para lutar enquanto a amarravam contra o metal, mas eles eram maiores e mais fortes. Lá fora, os sinos badalavam, seu som deturpado e fragmentado pelo vento cada vez mais violento. O som poderia ter sido de milhares, apesar de o vilarejo ter somente cerca de cem pessoas. Todos os seus vizinhos devem estar lá fora. Eles planejaram isso juntos, capturar a família favorita do deus do mar. Kissen sentiu o cheiro de piche quente bem próximo. O terror tomou conta dela.

— Não sentimos nenhum remorso, *minmi* — disse Mit. Como ele ousa chamá-la de “pequena”? Somente seus tios e amigos a chamavam assim. Ele não era um amigo. Era um traidor. — É o que deve ser.

Kissen juntou forças e atacou a mão dele com dentes afiados. Ele saltou para longe, segurando o polegar onde ela o havia mordido.

— Deixe-a — disse ele, bruscamente. — Está na hora. Não vão esperar por nós.

Eles saíram correndo. Kissen estava tremendo. Ela cuspiu o sangue de Mit e tentou respirar, revirando-se contra as cordas para encontrar o familiar mais próximo.

— Papai — Ele não estava longe. — Papai!

Bern, seu pai, mal conseguia respirar. Sua boca estava dilacerada e sangrenta, seu rosto machucado. Devem tê-lo espancado enquanto ele dormia sob efeito da droga. Aquela boca desfigurada beijara o deus do mar, mas agora o carvão manchava sua testa formando o símbolo em forma de sino de Hseth.

A fumaça adensou o ar novamente, desta vez não adocicada, mas amarga e pegajosa, quente e escura, subindo pelo chão. O vilarejo deles havia acendido o piche sob as fundações de palafitas.

Kissen tentou soltar seus pulsos e pernas.

— Papai! — gritou. Eles deixaram seu pescoço solto quando ela tentou morder. A garota se contorceu, puxando o braço em posições estranhas, os ossos estalando enquanto ela esticava o pescoço em direção à mão mais próxima. Sim. Ela conseguia alcançar. Cravou os dentes na corda, roendo e puxando o nó. Era corda naval, difícil de ser desfiada, mas ela não queria morrer.

Tidean também estava acordado.

— Seus rejeitados imundos — gritava ele, lutando contra as amarras, engasgando com o aperto delas em sua garganta. Ele tossiu contra a fumaça. — Seus traidores insípidos! — Sua voz estava rouca.

O calor estava aumentando. Kissen conseguia senti-lo nas solas dos pés.

— Fiquem calmos — disse a mãe deles, a voz embargada por causa da droga. — Fiquem calmos, meus amores. Osidisen vai nos salvar. Eu prometo.

As chamas ainda não eram visíveis, mas o ar tremulava. O vento do mar de Osidisen ainda forçava sua entrada, e a fumaça e o ar dançavam juntos como óleo e água. A boca, os olhos e o nariz de Kissen estavam ressecados. Ela cravou os dentes na corda em um novo ímpeto de força.

— Vou fazer todos vocês pagarem por isso! — gritou Tidean, uma promessa própria sobre a de sua mãe, mas suas amarras eram mais apertadas do que as de Kissenna. Sua luta contra as cordas não adiantou de nada. O chão já havia rachado em alguns pontos. Um clarão brilhante espreitava das fundações de palafitas. As paredes escureceram. Então surgiu uma brasa, uma faísca, uma pequena chama, e a porta de madeira pegou fogo, jogando faíscas nos olhos de Tidean. Ele gritou e se debateu.

— Respire fundo, meu filho — disse a mãe. — Está tudo bem, Osidisen virá. — Ela estava mentindo, mentindo para aliviar a morte deles, mentindo para si mesma. Osidisen era um deus da água; ele não iria muito longe da costa, nem mesmo por causa deles, assim como nenhum deus do fogo ousaria nadar no mar. Os deuses não poderiam salvá-los agora.

A corda feriu a carne delicada entre os dentes de Kissen, e o sangue espalhou-se espesso e quente sobre sua língua. Ela rosnou e mordeu com força, tentando se desvencilhar de suas amarras. Seguiu-se uma pontada de dor, um atrito em suas gengivas, e então um estalo. A corda! A corda estava solta, seu canino ainda enterrado nela, arrancado de sua boca.

Kissen libertou um pulso e começou a desamarrar o outro, deixando o sangue salgado escorrer por seu queixo até a pedra abaixo, onde sibilou e fumegou.

Segunda mão, livre! Agora os pés. Ela enterrou suas unhas ensanguentadas nas cordas, rosnando de desespero. Ela os salvaria. Ela precisava salvá-los. Sua respiração estava quente, seus olhos ardiavam, mas ela não parava. Sua mãe estava tossindo agora.

— Respirem fundo, meus filhos — disse ela. Kissen podia ouvir as lágrimas em sua voz. Lunsen choramingava agora; Tidean se debatia cada vez menos. Mell nem sequer se mexera. — Deixe que a fumaça os adormeça, e Osidisen virá resgatá-los.

Kissen conseguiu libertar seus pés das cordas. O chão agora estava em chamas, e o vento do mar nada fazia além de espalhar a fumaça, fazendo com que eles perdessem a chance que sua mãe desejava: uma morte indolor.

— Papai — Eles amarraram seu pai firmemente contra o metal, que ficava cada vez mais quente. Kissen subiu até ele mesmo assim, suas mãos queimando.

— Kissenna — murmurou seu pai por entre lábios inchados. Seus olhos estavam abertos. Eles reluziram com um alívio entorpecido. — Fuja, minha garota.

— Vou salvar você — rosnou ela entre tosses. — Vou salvar todos vocês.

Kissen pressionou os dedos por entre os nós; eram apertados, mas ela conseguia manuseá-los para liberar seu pai pouco a pouco. Seus olhos ardiam. Mell finalmente despertou e gritou quando as chamas chegaram à borda da lareira, atingindo seus calcanhares. Que bom que todos estavam acordados. Se estivessem conscientes, poderiam correr. Ela libertou a mão esquerda do pai e passou para o pé enquanto ele desamarrava a direita. Eles estavam perdendo tempo. O som dos sinos lá fora aumentava, ressoante, fundindo-se em uma única nota, mais alto que o fogo.

As chamas mudaram. Elas se entrelaçaram, subindo pelas paredes e depois mergulhando no chão em um pilar de fogo, faíscas rodopiando ao redor como flocos de neve. Risadas ecoaram na fumaça, ásperas e eufóricas.

O fogo girou e se transformou em saias de luz e brasas. Dentro delas, uma mulher rodopiava de braços abertos. Hseth, a deusa do fogo. Seu cabelo brilhava em tons de amarelo e vermelho-vivo, e o calor emanava dela, rachando e partindo a madeira e as vigas.

— Deus do mar! — gritou ela, depois o chamou pelo nome. — Osidisen! Veja como eles se voltaram contra você e entregaram a mim aqueles que você ama. Você não pode me tocar, seu velho bode d'água esfarrapado! Esta terra é minha!

Hseth não olhou para Kissen ou sua família. Não foi afetada por seus gritos. Ela irrompeu pelo teto em um flagelo de chamas e o telhado desabou.

Kissen piscou. Escuridão e calor. Depois luz. Depois dor. A gaiola foi quebrada sob as vigas pesadas. Mell havia parado de gritar. Ela piscou novamente. Seu pai estava lá, livre das amarras. Sua cabeça doía. Sua boca estava repleta de cinzas.

— Pai... — murmurou ela, sufocando. Ele estava arrancando os escombros de cima dela, mas não conseguia levantar o pedaço de metal deformado que se enterrara em sua perna direita, esmagando-a abaixo do joelho. Ela estava presa pela carne e pelo osso. Ela ia morrer; podia ver isso nos olhos de seu pai.

— Vai ficar tudo bem, Kissenna — disse ele, mentindo assim como sua mãe, a voz suave que Osidisen admirava. Ele acariciou seus cabelos como se a estivesse colocando para dormir. — Seja corajosa, meu amor, minha filha.

— Fuja, papai — disse ela, engolindo um soluço de medo. — Por favor.

— Não chore, Kissenna — disse ele. — É melhor assim.

Dor. Uma dor alucinante e insuportável tomou conta da perna de Kissenna. Ela gritou, mas a fumaça empurrou o som de volta para sua garganta. Seu pai segurava um pedaço de metal incandescente nas mãos, crepitando com o sangue de ambos. Ele o levantou no ar.

— A perna dela por sua segurança, Osidisen! — gritou ele. — Eu imploro, salve-a deste lugar em troca disso, sua carne, sangue e ossos, sangue do meu sangue.

Ele baixou o metal mais uma vez e *golpeou*.

Kissenna gritou novamente, a dor devorando-a mais rápido do que o fogo. Mas seu pai não havia terminado. Sua visão ficou preta, branca. Quando ela voltou a si, seu pai a estava arrastando para fora dos destroços, deixando a parte inferior de sua perna para trás. O rosto dele estava sujo de carvão, permeado pelas lágrimas que escorriam até sua barba.

Então ela viu o mar lá embaixo, para além das paredes destruídas. Furioso e imponente, chocando-se contra a base do penhasco. O ar salgado se ergueu, despertando Kissen por um momento. As ondas pegavam cada pedaço de madeira que caía da casa e despedaçavam-no.

— Minha vida, Osidisen! — gritou seu pai. — Minha vida pela dela, é a última coisa que pedirei.

— Não! — protestou Kissen, quase inconsciente.

— Você me deve isso! Meu amante, meu amigo. Agora você deve a ela. Minha vida pela de Kissenna!

O mar se ergueu, subindo pelo penhasco como se quisesse alcançá-lo. O rosto de Osidisen surgiu das ondas, seus olhos escuros como as profundezas do oceano. Por um momento, Kissen esperou que ele negasse, que salvasse seu pai em vez dela.

Mas os deuses amam mártires.

Ele assentiu.

Kissenna tentou resistir. Ela não queria a promessa de um deus; queria seu pai, sua mãe, Tidean, Lunsen e Mell. Queria sua família. Seu pai a apertou uma última vez contra o peito e acariciou seu rosto com a barba enquanto a beijava.

— Eu te amo — disse ele, e jogou-a no mar.

UM LEMBRETE A TODOS OS CIDADÃOS DE MIDDREN

POR DECRETO DO
REI ARREN II



HERÓI DE BLENRADEN, O SOL NASCENTE DO OESTE,
NO TERCEIRO ANO DE SEU REINADO

Após salvar nosso país da Guerra dos Deuses

PROIBIDO O CULTO AOS DEUSES
DENTRO DAS FRONTEIRAS DA
NAÇÃO DE MIDDREN



*Esta lei se aplica desde a fronteira NORDESTE com as PERIGOSAS TERRAS
TÁLICIANAS até a PASSAGEM MARÍTIMA OCIDENTAL e
AS ILHAS DO COMÉRCIO*

A POSSE DE SANTUÁRIOS,
TOTENS, AMULETOS e
SÍMBOLOS associados a
qualquer DEUS será
PUNIDA POR LEI

PEREGRINAÇÕES a LOCAIS
SAGRADOS resultarão em
MULTA, PRISÃO e
AÇOITAMENTO PÚBLICO
de seus PÉS DESLEAIS

OS ASSASSINOS DE DEUSES, OS VEIGA,
AGORA OPERAM EM NOME DO REI



Se VIR ou SUSPEITAR de um SANTUÁRIO, de um DEUS, ou de
INFRATORES DA LEI, DENUNCIE-OS À SEU ZELANTE LOCAL